

**A HOMOSSEXUALIDADE NA ESCOLA: UMA PROPOSTA DE TRABALHO COM
O LIVRO *MEUS DOIS PAIS* DE WALCYR CARRASCO**

Luiguy Kennedy Silva Cabral¹

José Humberto Rodrigues dos Anjos²

Resumo: O objetivo deste trabalho é discutir as possibilidades para o trabalho com a sexualidade, sobretudo as homossexualidades na escola. Perpendicular a isso, busca-se analisar de que forma este tema tem sido silenciado no espaço educacional brasileiro, apontando os avanços e retrocessos da temática. Para isso, o presente texto se municia de uma pesquisa bibliográfica realizada em livros e artigos que dialoguem com a temática central, bem como a obra literária *Meus dois pais* de Walcyr Carrasco, *corpus* de exemplificação para o trabalho. Além disso, propomos no último capítulo do texto uma proposta pedagógica para ser trabalhada em sala de aula, inicialmente com alunos de 5º ano do Ensino Fundamental, essa proposta nasce de acordo com as contribuições dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os quais trazem a orientação sexual, como tema transversal e que perpassa por todas as disciplinas escolares. Partindo disso, elaboramos uma proposta com o intuito de promover o respeito e a discussão em sala de aula sobre homossexualidade, preconceito, discriminação e a promoção do respeito à diversidade. Como suporte para este estudo, usou-se como suporte teórico as reflexões de Louro (1977), Diniz (2009), Brasil (1997) dentre outros que abordam a temática explorada.

Palavras-chave: Homossexualidade. Sexualidade. Educação. Preconceito. Homofobia.

INTRODUÇÃO

O presente artigo discutirá sobre a sexualidade, especialmente a homossexualidade, analisando de que forma esta temática é trabalhada na escola. Partimos do pressuposto de que como tema presente nos Parâmetros Curriculares, ainda é a orientação sexual um tema pouco trabalhado nas escolas. O principal objetivo é discutir como a homossexualidade é vista na escola, e como ocorre o trabalho de erradicação do preconceito e discriminação neste espaço, refletindo sobre a diversidade que temos em sala de aula.

¹ Acadêmico da Universidade Federal de Goiás - UFG do Curso de Licenciatura em Artes Visuais, formado em Licenciatura Plena em Pedagogia pelo Centro Universitário de Mineiros, Goiás - UNIFIMES. E-mail: luiguykennedy@gmail.com

² Professor Adjunto do Centro Universitário de Mineiros, Goiás – UNIFIMES. Doutorando em Educação pela Universidade de Uberaba – UNIUBE. Mestre em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal de Goiás – UFG. E-mail: josehumberto@fimes.edu.br

Neste cenário, a criança torna-se uma propagadora e reprodutora das ações dos adultos, podendo sofrer discriminação, ou reproduzir atitudes cujo desrespeito ao próximo é nítido. Isso também pode ser vivenciado em casa e na sociedade de forma geral, sendo amplificado pelas mídias em diversas ocasiões do cotidiano.

O texto é dividido em dois momentos. No primeiro esboçaremos um pouco sobre a história da homossexualidade e seus desdobramentos até os dias atuais, além disso abordaremos como o assunto acontece dentro da escola, retratando avanços e retrocessos na discussão a respeito do tema na educação.

Já no segundo, vamos falar um pouco sobre a obra *Meus dois pais*, de Walcyr Carrasco. Nosso objetivo é tratar da literatura infantil como uma prática pedagógica de trazer temas de complexidade para a sala de aula, abrandando-os e tornando acessível às crianças. Ainda no segundo, temos uma proposta pedagógica para trabalhar o tema de forma multidisciplinar, bem como o roteiro e os principais materiais a serem utilizados.

Nas considerações finais, esboçamos algumas respostas, sobre qual a importância de se trabalhar a homossexualidade na educação, bem como a diversidade existente na sociedade e em sala de aula, retratando os avanços e retrocessos referente à essa temática.

METODOLOGIA

A metodologia na pesquisa é através de revisão bibliográfica em artigos e livros que abordem a temática. Além disso, a utilização da obra literária *Meus dois pais* de Walcyr Carrasco que serviu de obra de pesquisa para elaboração do artigo. Utilizamos ainda autores como Louro (1997), Diniz (2009), Brasil (1997)), dentre outros que abordam a temática explorada.

BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A HOMOSSEXUALIDADE

“O homossexual, assim como o negro, o judeu ou o estrangeiro, é sempre o outro, o diferente, aquele com o qual qualquer identificação é impensável”. (LIONÇO e DINIZ, 2009, p. 16)

Falar sobre homossexualidade é remeter à uma comunidade excluída e que vive a mercê da violência e discriminação por décadas. Engana-se quem pensa que a homossexualidade surgiu somente após os processos de industrialização no século XX, pois ela é tão antiga quanto a espécie humana. De acordo com o dicionário Aurélio (2001), “homossexualidade refere-se ao indivíduo que pratica o ato sexual com pessoas do mesmo sexo.” Sobre a história da homossexualidade, Brasil (1996, p.20) afirma que

Antes mesmo de ter sido escrita a primeira linha da Bíblia, já existiam documentos, no antigo Egito, com mais de dois mil anos antes de Cristo, que descrevem relações sexuais entre dois deuses e dois homens. O poeta Goethe dizia que o homossexualismo é tão antigo quanto a humanidade, e na própria Bíblia há exemplos de casos homossexuais, como a paixão do Santo Rei Davi por Jônatas. Homossexualidade não é sinal de decadência, nem leva os povos à ruína. Prova disso, é Grécia Clássica, que teve seu momento de maior glória e grandeza exatamente quando a pederastia era muito praticada e respeitada.

Segundo Molina (2011, p. 952), o termo homossexualidade tem origem húngara, em meados dos anos de 1869. Para a autora foi o médico Karoly Maria Benkert que referiu-se com este termo, à prática sexual de pessoas com o mesmo sexo. Já no Brasil o professor Francisco José Viveiros de Castro, da Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, faz uso do termo em sua obra “Atentados ao pudor: estudos sobre as aberrações do instinto sexual.”

Segundo Louro (1977, p. 15) a movimentação e a discussão em torno do homossexualismo² no Brasil, surge logo após o movimento feminista nos anos de 1960. A partir da década de 70, o movimento formado por homens assumidamente homossexuais, lutava por visibilidade e respeito.

Ainda na década de 60 surge o conceito de gênero que está ligado intimamente ao movimento feminista. Para Louro (1997, p. 22) o “conceito pretende se referir ao modo como as características sexuais são compreendidas e representadas ou, então, como são “trazidas para a prática social e tornadas parte do processo histórico””, portanto está ligado apenas à sexualidade, mas todas as construções sociais realizadas entre os sujeitos.

A partir da década de 1970 surgem as primeiras formas de organização política entre homossexuais masculinos, e cria-se nesta época o Movimento Homossexual Brasileiro (MHB).

² O termo homossexualismo cai em desuso no final do século XIX, pois a palavra homossexualismo referenciava-se a conotações médicas e patológicas. E só a partir de 1990 assim que a Organização Mundial de Saúde (OMS) tirou a homossexualidade da lista de doenças, desde então o homossexualismo cai em desuso. Não usamos homossexualismo pela conotação de doença ou patologia, visto que homossexualidade não é doença.

Segundo Franco (2009, p. 63) “o grande marco da organização homossexual no país foi nesta época, pois a partir daí surgiram cerca de 140 grupos ativistas que buscavam o reconhecimento de suas identidades, sendo que a Parada do Orgulho LGBTTs a manifestação de maior representatividade e visibilidade.” Toda essa movimentação, buscava de alguma forma reafirmar, encontrar ou mesmo dar visibilidade à identidade sexual gay.

De 1979 a 1992 surgiram ainda grupos em *prol* da luta por visibilidade e discussão da temática. Segundo Molina (2011, p. 958) “um dos destaques da época é o *Grupo Somos*, responsável pelo debate na Universidade de São Paulo. Nesta época houve a criação do *Grupo de Ação Lésbico – Feminista* e realização de seis edições do Encontro Brasileiro de Homossexuais (EHBO)”.

Durante décadas, a homossexualidade foi considerada uma patologia. A partir de 1950 a Associação Americana de Psiquiatria começou a considerar a prática sexual de pessoas do mesmo sexo como uma **desordem**, ou seja aquilo que não segue o padrão estabelecido, ou a ordem natural das coisas. A partir de 1973 a Associação Americana de Psiquiatria retirou da lista de doenças ou distúrbios mentais a homossexualidade, uma vez que uma série de estudos comprovaram que ela não poderia ser vista como uma doença.

Nos anos de 1975, a Associação Americana de Psicologia, retirou também a homossexualidade como doença, adotando assim a posição da Associação Americana de Psiquiatria e com isso o trabalho direcionou-se ao combate de preconceito e da discriminação.

Em 1977 a Organização Mundial da Saúde (OMS) considerava que a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo era doença, por isso, foi incluída na Classificação Internacional de Doenças (CID). Tal fato evidencia um retrocesso, pois em menos de 10 anos após ser desconsiderada como doença pela Associação Americana de Psiquiatria, e também pela Associação Americana de Psicologia a OMS volta a considera-la como doença. Somente a partir do dia 17 de maio deste mesmo ano, a Organização Mundial da Saúde, retira a classificação. A data, de grande relevância para a comunidade LGBTTs, demarcou o Dia Internacional de Combate a Homofobia.

A homossexualidade na escola

“O olhar precisa esquadrihar as paredes, percorrer os corredores e salas, deter-se nas pessoas, nos seus gestos, suas roupas, é preciso perceber os sons, as falas, as sinetas e os silêncios; é necessário sentir

os cheiros especiais; as cadências e os ritmos marcando os movimentos de adultos e crianças.” (LOURO, 1997, p. 59)

Ao analisarmos a epígrafe acima vemos que o papel da escola não está apenas em transmitir conteúdos, conceitos ou atividades, a escola tem como papel principal a formação do cidadão de forma global, ciente de seus direitos e deveres. Portanto também é a escola que pode contribuir para a diminuição do preconceito e discriminação.

Para que isso ocorra é necessário revisitarmos nossa prática pedagógica, analisando nossos discursos, atitudes e materiais utilizados, afim de não contribuir com a hierarquização e a promoção das diferenças de gênero e orientação sexual. A educação é garantia de todos, e segundo a Constituição Federal de 1988

Art. 205 - A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 60)

Mesmo a educação sendo garantida pela Constituição Federal de 1988, na prática vemos a evasão de alunos em diferentes séries, fato que nos faz inferir que ela é realmente para todos, mas não dá garantias de permanência. Na maioria dos casos, alunos e alunas homossexuais é que estão no centro deste abandono. Freitas (2011, p. 02), afirma que a “exclusão social cria uma situação de privação coletiva em ambientes propícios para que haja uma interação. Conseqüentemente é necessário incluir e não excluir os indivíduos, e as escolas são ambientes apropriados para essa inclusão.”

Diferenças, distinções, desigualdades... a escola entende isso. Na verdade, a escola produz isso. Desde seus inícios, a instituição escolar exerceu uma ação distintiva. Ela se incumbiu de separar os sujeitos – tornando aqueles que nela entravam distintos dos outros, os que a ela não tinham acesso. Ela dividiu também, internamente, os que lá estavam, através de seus mecanismos de classificação, ordenamento, hierarquização. A escola que nos foi legada pela sociedade ocidental moderna começou a separar adultos de crianças, católicos de protestantes. Ela também se fez diferente para os ricos e para os pobres e ela imediatamente separou os meninos das meninas.

A escola ainda propaga a hierarquização do gênero, o masculino sempre superior ao feminino, e a separação do **universo** masculino do feminino. As brincadeiras, as atividades de educação física, tudo é pensado de uma forma mais **frágil** para as meninas, enquanto para os meninos sempre são priorizadas atividades em que é necessário demonstrar virilidade.

O preconceito está implícito também no trabalho pedagógico do professor, através de olhares, materiais utilizados em sala de aula, bem como nos discursos muitas vezes sexista e

que já faz parte da cultura. Esplendor e Braga (2009, p. 09) afirmam que é comum, por exemplo, “[...] na escola o menino que é mais educado, não agressivo, recebe por parte dos/as colegas e dos/as profissionais de educação comentários que ele tem tudo para ser homossexual.”

Trabalhar a sexualidade na escola ainda está longe do ideal, pois na maioria dos casos os professores tem receio de trabalhar essa temática na sala de aula. Os Parâmetros Curriculares Nacionais já destacavam isso afirmando que

As formulações conceituais sobre sexualidade infantil datam do começo deste século e ainda hoje não são conhecidas ou aceitas por parte dos profissionais que se ocupam de crianças, inclusive educadores. Para alguns, as crianças são seres “puros” e “inocentes” que não tem sexualidade a expressar, e as manifestações da sexualidade infantil possuem conotação de algo feio, sujo, pecaminoso, cuja existência se deve a má influência de adultos. Entre outros educadores, no entanto, já se encontram bastante difundidas as noções da existência e da importância da sexualidade para o desenvolvimento de crianças e jovens. (BRASIL, 1997, p. 118)

Quando se trabalha a sexualidade em sala de aula, é dado ênfase somente aos aspectos da reprodução humana, gravidez na adolescência e o combate a DST's (Doenças sexualmente transmissíveis). São ignorados das discussões as construções sociais de sexualidade e a hierarquização do gênero.

Ainda há o receio de trabalhar a sexualidade de forma ampla na escola, pois é necessário deixarmos os preconceitos a respeito do tema de lado, buscar conhecimentos e sair da zona de conforto. Não podemos considerar por exemplo que as crianças são puras e inocentes, e que deverão aprender sobre sexualidade somente quando adultos.

Em 2004, com o objetivo de combater o preconceito e a homofobia, o governo federal juntamente com a Associação Brasileira de Gays, Lésbicas, Travestis e Transexuais (ABGLTT) idealizaram o Projeto *Escola sem Homofobia*, que propunha questões e discussões referentes à prática pedagógica para orientar o trabalho dos professores no que se referia às diversas formas de sexualidade. O projeto sofreu grande pressão pela bancada evangélica do Congresso Nacional, pois alegavam que o mesmo incentivava a homossexualidade, o projeto tomou conta das redes sociais e os discursos difamavam o projeto e com isso, o projeto foi barrado e não chegou até as escolas.

Ainda em 2004 o Governo Federal, lançou o programa *Brasil sem Homofobia – Programa de Combate à Violência e a Discriminação contra LGBT e a Promoção da Cidadania Homossexual*, projeto que contou com a colaboração da militância LGBT, sociedade e forças políticas. Ele se configurou como um marco da história do país, pois instaurou a

oportunidade de discutir a violência sofrida pela comunidade, e as contribuições para erradicação do preconceito e discriminação.

Para Lionço e Diniz (2009, p. 161) “esse projeto nasceu de intenso período de pesquisa, reuniões, e com a participação de professores e várias lideranças de militâncias em busca de visibilidade e o combate ao preconceito e discriminação.” Neste sentido buscava a partir da sala de aula e dos ambientes escolares a promoção de uma escola rica em diversidade e com o respeito ao próximo acima de tudo.

MEUS DOIS PAIS: OBRA E PROPOSTA PEDAGÓGICA PARA ALUNOS DE 5º ANO

A literatura é uma das ferramentas mais importantes nas aulas de Língua Portuguesa, pois sem dúvidas estes contribuem para a formação crítica e reflexiva do aluno, além de proporcioná-lo repertório cultural diversificado. A maioria das escolas contam com um grande acervo de livros de literatura infantil e infanto-juvenil, de renomados autores.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais volume 2, de Língua Portuguesa, vemos “que não se pode formar bons leitores com materiais de leitura empobrecidos, ainda mais na fase inicial do mundo da escrita/leitura. Só aprendemos a gostar de ler quando a qualidade de nossas vidas melhora com a leitura” (1997, p. 36). É necessário que os livros utilizados em sala de aula sejam de qualidade, pois boas obras literárias colaboram para atrair as crianças e aguçá-las para lerem cada vez mais.

A literatura precisa estar presente todos os dias em sala de aula, na prática pedagógica e pessoal do professor. Ou seja, o professor não pode apenas ler histórias para as crianças, pois com isso colocamos o aluno distante do objeto que é o livro. Neste sentido, é preciso pensar no ensino da literatura, fator que conduz o aluno a leitura e também à vontade de ler. Se o professor não está formado adequadamente, dificilmente conseguirá despertar no aluno o desejo. Sobre isso, Brasil (1997, p. 38) afirma que

A questão do ensino da literatura ou da leitura literário envolve, portanto, esse exercício de reconhecimento das singularidades e das propriedades compositivas que matizam um tipo particular de escrita. Com isso, é possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, trata-los como expedientes para servir ao ensino das boas maneiras, dos hábitos de higiene, dos deveres do cidadão, dos tópicos gramaticais, das receitas desgastadas do “prazer do texto”, etc. Postos desta forma descontextualizada, tais procedimentos

pouco ou nada contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão, e a profundidade das construções literárias.

A literatura no primeiro momento é utilizada para desenvolver a escrita do aluno, e com isso é necessário reconhecer que a escrita é algo individual, por isso, o texto não está somente a serviço de produzir na criança boas maneiras, hábitos de higiene, tópicos gramaticais, dentre outros. A literatura também é prazer, e tem como maior objetivo contribuir para formação de leitores capazes de reconhecer as partes do texto, a profundidade de uma obra literária, mas também de encantar-se com ela.

Constantemente vemos que os alunos não sabem ler, apenas decodificam partes do texto, ou seja, não têm capacidade de argumentar, pois em seu repertório não há leituras suficientes para a elaboração de argumentos. Essa falha não acontece somente com os alunos, muitos professores também não leem, e por isso não sabem sequer indicar bons livros para que seus alunos leiam.

É de grande importância que na infância, a criança transite pelo universo da leitura, seja, em sua casa ouvindo, ou manipulando histórias, ou até mesmo vendo os pais, professores e demais responsáveis lendo. Há uma inúmera possibilidade de temas a serem abordados na literatura, o que é necessário é que professores e pais saibam a melhora temática ser abordada.

A partir do século XX, há uma nova possibilidade de temas envolvendo a literatura infantil, como vemos

A literatura para crianças, tradicionalmente conectada a objetivos pedagógicos e formativos, tem se aberto nos últimos anos a temáticas anteriormente a ela vedadas, o que se conecta também a mudanças sociais mais amplas. Dessa forma, se durante o século XIX e várias décadas do século XX, temas como desigualdade social, preconceitos em relação aos diferentes, problemas familiares, separação de pais, alcoolismo, apenas para citar alguns dentre outros possíveis, estavam ausentes da literatura para crianças, nas últimas décadas do século XX e início do século XXI, tal literatura tem se aberto para abrigar tais tematizações. (SILVEIRA e KAERCHER,2013, p.1192)

Inicialmente a literatura infantil foi criada para doutrinar, e as crianças eram vistas como adultos em miniatura. Com a evolução da sociedade, logo depois dos contos de fadas e histórias direcionadas às crianças sem o intuito de doutrina-las, a literatura passou a desenvolver a criatividade na criança. Em meados do século XX, surgem as temáticas com as diferenças que Silveira e Kaercher (2013) trazem, ou seja, o negro anteriormente visto nas obras

apenas como serviçal, passa para o papel de protagonista na história, o índio, o deficiente, o gordo, dentre outros, essas diferenças que eram excluídas inicialmente passam a ter papel da história da literatura.

A homossexualidade da mesma forma, antes nem citada, hoje já é percebida em inúmeras obras em que os protagonistas são casais homoafetivos. Tal realidade faz parte do cotidiano de nossas escolas, pois pessoas cada vez mais abertas a discussão de sexualidade estão tomando os espaços escolares. Porém ao mesmo tempo professores extremamente tradicionais, tentam retroceder tais discussões, impedidos, sobretudo por argumentos religiosos. A realidade não está apenas no mundo, mas também na escola que é uma parcela dele.

A estrutura familiar já não é mais a mesma que há décadas atrás, não temos mais o modelo clássico: Pai, mãe, filhos e um cachorro. Hoje, por exemplo, temos: Pai, filhos ou Mãe e filhos, Avós e netos, dois pais e filhos ou duas mães com filhos. Esta realidade, muitas vezes representada nas obras literárias é uma excelente oportunidade para que professores possam se munir da literatura para o ensino.

A literatura, como se sabe, ainda parte de um conhecimento individual para o coletivo, pois o leitor contribui com sua reflexão aos demais, pois

[...] o ângulo social decorre dos efeitos desencadeados. O leitor tende a socializar a experiência, cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e confrontam-se gostos. Portanto, não se trata de uma atividade egocêntrica ou narcisista, se bem que, no começo, exercida solitariamente; depois, aproxima as pessoas e coloca-as em situação de igualdade, pois todos estão capacitados a ela. (ZILBERMAN, 2008, p.17)

A literatura contribui então para a troca de experiências, bem como para a possibilidade de ampliação do vocabulário, poder de argumentação, criação dentre outras inúmeras questões. O trabalho com a literatura oferece diversas possibilidades, como por exemplo, trabalhar a história inicialmente contada pelo professor, depois recapitulação dos fatos orais com os alunos, alguns temas específicos como as sílabas, estrutura das palavras, relacionar o texto com um dado histórico, social, político ou cultural, biografia do autor, ilustração da história e produção ou construção da continuação da história. Podemos trabalhar além disso, as características dos personagens, e com isso podemos diagnosticar o nível de interpretação e compreensão do texto. Infelizmente muito do que se vê na prática em sala de

aula são atividades que envolvem a leitura de forma limitada aos livros didáticos, e aos pequenos trechos de textos literários que há nele são apresentados.

O enredo de *Meus dois pais*: um começo de história

E, com o coração batendo bem forte de tanta felicidade, eu descobri que o mais importante era ter uma família que me amava. (CARRASCO, 2009, p. 36)

Como já vimos, abordar temas como o negro, o indígena, o gordo, o deficiente, o homossexual e outros grupos minoritários, só começou a surgir em livros de literatura a partir do século XX. Durante este texto, vamos esboçar o enredo de *Meus Dois Pais*, obra literária que traz temas como: o divórcio e a homossexualidade.

O texto é narrado em 1ª pessoa, pelo protagonista da história, o menino Naldo. Além disso a obra conta com os seguintes personagens: a mãe, pai e avó materna de Naldo, ambos sem descrição do nome no decorrer da história. Noemi, Paulo, Elaine e Fê, são colegas de escola.

Naldo vem de uma família tradicional composta por pai e mãe. A história começa com o menino narrando sua tristeza ao ver que os pais se separaram, pois, ele gostava de ter o pai por perto, mesmo que ele passasse a noite toda trabalhando. Ao tecer o texto literário, Carrasco (2009, p.4) retrata a tristeza da seguinte maneira:

É claro que fiquei chateado quando papai e a mamãe se separaram. Gostava de ter o meu pai sempre por perto, mesmo quando ele trabalhava à noite, no computador, durante horas e horas. Mas os dois começaram a discutir.

Além de sofrer com o distanciamento do pai que viva no trabalho, Naldo também se incomodava com as inúmeras discussões entre os pais. Como não entendia o motivo das brigas, o personagem se sente preocupado e isolado. Como fruto das brigas, o pai de Naldo começa a sair de casa aos sábados e logo depois também aos domingos, enquanto isso sua mãe e ele sempre iam para a casa da avó.

O clímax do livro é o momento em que os pais vão conversar com o filho sobre a separação. Considerando que iria morar apenas com a mãe e que veria o pai somente aos fins

de semana, Naldo não vê problema com esse modelo de família o qual passaria a viver.

Tal aceitação vem, sobretudo da escola, onde havia padrões de famílias muito diferentes da tradicional, na maioria dos casos os seus colegas de escola tinham os pais separados. Também é na escola, a partir da observação da realidade de seus amigos, que Naldo infere que há inúmeros modelos de família:

Boa parte dos meus colegas de escola tem pais separados. A mãe da Noemi já casou três vezes e está solteira de novo. A Noemi diz que tanto casamento assim tem suas vantagens.

-Quando mamãe começa a namorar, é ótimo! Ela fica tão feliz!

O Paulo é loirinho, mas yem um irmão de olhinhos puxados e cabelos pretos, mais novo. O segundo casamento do pai dele foi com uma sansei, que é como se chamam os netos dos japoneses.

-Todo mundo estranha quando eu digo que ele é meu irmão. A Elaine não conheceu o pai.

-Sou produção independente, filha só da minha mãe! São tantas famílias diferentes! (CARRASCO, 2009, p. 6)

Após a percepção de que sua família não é a única diferente, Naldo explica como sua rotina mudou aos sábados, quando era levado pelo pai para passar o fim de semana junto com ele. A partir desta nova convivência é que Naldo passa a conhecer Celso, que diferente do pai, cozinha muito bem. Celso era muito criativo na cozinha e sempre inventava comidas diferentes, ensinando-os a usar frigideiras e panelas.

A partir do encontro, Naldo começa a analisar o fato de Celso morar junto com seu pai, ponderando que se isso ocorresse comida boa não faltaria. Naldo pondera que conhecia diversos homens que cozinhavam muito bem, ou seja, a partir das falas do personagem principal, observa-se o rompimento com o discurso sexista de que só mulheres sabem cozinhar.

A rotina de Naldo, continua mudando e a cada fim de semana os três saem juntos. As descobertas sobre a personalidade de Celso vão surgindo, e Naldo vai sabendo que ele era advogado e que não tinha filhos.

Com a promoção na empresa que trabalhava, a partir do segundo semestre, a mãe de Naldo passa a ser diretora, o que exige uma mudança de estado que não incluía levar o menino.

Mais uma vez Naldo presencia uma briga dos pais, a briga se prolonga por semanas até que um evento decisivo em sua vida é anunciado de forma poética ao menino.

-Você vai morar com o seu pai, pelo menos por enquanto. Qualquer coisa, você me telefona.

Ficou muda por um instante. Depois disse, explicando sem explicar:

-Não se deixe influenciar, porque seu pai tem uma vida muito diferente da nossa.
Lembre: **o importante é que ele adora você!**
(CARRASCO, 2009, p. 06, grifo nosso)

O diálogo entre mãe e filho, deixa o menino com mais curiosidade sobre qual seria o problema papai. Com o tempo Naldo se acostuma à sua nova rotina, tendo sempre o pai ou Celso para o buscar na escola. Com o tempo, Naldo percebe que as mães de seus colegas ficam cochichando quando seu pai e Celso vão busca-lo na escola.

A problemática fica mais evidente quando Naldo convida dois colegas para fazer um trabalho de grupo em sua casa. Ambos os colegas, rejeitam o convite, pois a mãe de um deles havia proibido de frequentar a casa de Naldo. Intrigado com a proibição, Naldo busca saber os motivos da mesma e no desenrolar do texto, um dos amigos conta que o motivo era porque o Pai era gay.

[...] como se eu estivesse no meio de um terremoto. Já tinha ouvido falar de gays. Havia um colega no ano passado de todo mundo çaçoava. Ameaçavam até bater nele. Chamavam ele de gayzinho, porque falava de um jeito mais delicado. (CARRASCO, 2009, p. 22)

O desfecho da narrativa, traz Naldo e sua mãe com dialogo em que ela explica, que o pai dele continua sendo um homem bom e que o ama muito, é que não tem nada de anormal na atitude dele e que ele poderia amar quem ele quisesse. E a partir disso, nasce a proposta didática abaixo.

Tema: *Eu tenho dois pais*

Série: *5º ano do Ensino Fundamental*

Áreas de conhecimento: *Multidisciplinar*

Duração: *1h20min*

Conteúdo: Sexualidade: a homossexualidade. A proposta surge de forma multidisciplinar, envolvendo as disciplinas de Artes, Língua Portuguesa, Ciências e História.

Objetivo geral:

- Compreender a diversidade na composição de famílias

Objetivos específicos:

- Expressar saberes sobre a temática abordada,
- Conhecer o que é homossexualidade,
- Analisar as diversas formas de preconceitos existentes na escola e na sociedade,
- Discutir sobre diversidade, respeito, família e divórcio,
- Promover o respeito as diferenças.

Aula 1 – O que sabemos sobre diversidade?

Objetivo: Nesta sondagem inicial, o professor fará um levantamento dos conhecimentos dos alunos.

Procedimentos didáticos: Para isso deverá promover uma roda de debates com os alunos a respeito das diferenças entre as pessoas. Neste primeiro momento dar ênfase às diferenças entre si (Diferenças físicas, psicológicas, emocionais e etc...). Após esse debate, pregar na lousa placas indicativas com os seguintes questionamentos:

- a) E se todos fossem iguais?
- b) Como seria se todos fossem iguais?

Após a leitura dos questionamentos expresso nas placas, o professor pode suscitar a resposta dos alunos afim de ouvir o que eles pensam sobre.

Em seguida deve distribuir aos alunos recortes de revistas e jornais com diversas figuras, ou fotos de pessoas e solicitar que cada um escolha uma imagem. A partir disso continuar a roda de conversa, pedir para que cada aluno descreva a figura, ou foto que está em mãos. No terceiro momento da aula, o professor colocará os alunos de frente a um espelho e solicitará ao mesmo que descreva quais são suas principais diferenças e semelhanças em relação a gravura que ele escolheu.

Ao fim, o professor irá falar um pouco sobre diversidade, ou seja, sobre as diferenças/semelhanças e qual a importância de sermos diferentes.

Final da aula: Apresentar de forma dialogada no projetor de *slides*, a narrativa infantil *Diversidade* de Tatyana Belinky

Aula 2 – Família: quem? Onde? Como?

Objetivo: Conhecer o conceito de família, bem como a composição da família dos colegas da sala e do professor.

Procedimentos didáticos: Para isso, instigará as crianças a dizerem/escreverem quais são suas concepções de família. Após obter as respostas, apresentará no projetor de *slides* quatro imagens: **a)** Uma família heterossexual; **b)** Uma família Homossexual; **c)** Um grupo de trabalhadores; **d)** Um avô e uma criança. Em seguida explorar o diálogo com as crianças afim de instiga-las a falar sobre suas concepções sobre o vocábulo família.

Em seguida, o professor apresentará sua árvore genealógica apresentando também como sua família é constituída. Em seguida, entregará o quadro em branco para que cada um construa sua árvore genealógica.

Depois disso, cada um vai apresentar sua família, apenas as pessoas que moram na mesma casa, e comentar como sua árvore genealógica foi construída, a partir de qual familiar, bisavós, avós, pais e filhos, ou com outras configurações.

O professor deverá motivar os alunos a falarem do conceito de família, e escrever no quadro um conceito. Em seguida pedir que cada um copie em seu caderno o conceito, adicionando o que julgar necessário.

Ao final desta atividade os alunos deverão transcrever para o caderno quais foram as diversas famílias apresentadas por seus colegas.

Aula 3 – O preconceito nosso de cada dia.

Objetivo: Conversar sobre o livro e conteúdo dele.

Procedimentos didáticos: Para isso, o professor deverá pedir que os alunos leiam/ou ler a história do livro *Meus dois pais* de Walcyr Carrasco, fazer a análise do livro de acordo com as diferenças que foram identificadas nos demais dias de trabalho. Ressaltar as diferenças individuais e das famílias, dar ênfase na importância do respeito ao próximo e às diversas formas de composição da família. Analisar os discursos dos colegas de Naldo, e o próprio medo/preconceito do protagonista. Produzir a interpretação dos alunos sobre a história no caderno, observando a ordem dos fatos.

Solicitar que os alunos, pesquisem na internet as obras do artista goiano Hector Ângelo Melo Briet, conheçam um pouco do artista e sua obra.

Aula 4 – Um pouco de história: a violência nossa de cada dia.

Objetivo: Conhecer casos reais e discutir sobre violência e tolerância.

Procedimentos didáticos: Retomar a história do livro através da contribuição dos alunos, observando a ordem cronológica dos acontecimentos, a partir disso, trabalhar com o vídeo *História de vida do Daniel*. Promover uma discussão a respeito do preconceito e discriminação presentes no vídeo. Além disso, o professor retomará ao contexto da obra *Meus dois pais*. Nesta aula o professor pode debater temas como a tolerância e a violência. Nesta aula, o professor pode reservar um tempo para conversar com os alunos sobre a pesquisa realizada na aula anterior.

Aula 5 – Mãos à obra: um pouco de arte

Objetivo: Produzir uma obra de arte sintetizando os conteúdos aprendidos.

Procedimentos didáticos: Para encerrar os trabalhos, pedir que com base nos estudos da semana, os alunos produzam uma pintura em tela, representando as diferentes formas de amor, ou as diversas formas de família. Para isso, deve retomar a obra do artista goiano Hector Ângelo Melo Briet, de apenas 15 anos que retrata em sua obra a violência contra gays, lésbicas, travestis, transexuais e outros. Posteriormente as produções das obras podem ser expostas.

Recursos necessários:

- Papel A4,
- Telas para pintura,
- Tintas,
- Pincéis,
- Revistas,
- Projetor de slides,
- Livro literário e outros.

Avaliação:

A avaliação no decorrer das aulas se dará através da observação e da participação dos alunos nas discussões. Considerar a participação na exposição das ideias, nas dúvidas e no processo de construção de conhecimento ao longo da semana. Considerar também a elaboração da pintura tela, e a pesquisa para elaboração da mesma.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho discutiu a homossexualidade na perspectiva educacional, levando em consideração a diversidade presente na escola e na sociedade, e como estes temas transversais são excluídos das instituições, não sanando por exemplo, as dúvidas recorrentes dos alunos durante o processo de ensino/aprendizagem.

Para isso, descobrimos que são diversos os fatores que contribuem para a omissão desta temática, que na sociedade em que vivemos torna-se necessária, pois é uma possibilidade de ampliar os conhecimentos e desenvolver um aluno crítico e reflexivo, capaz de respeitar o próximo e conhecer suas diversidades, orientações e construções sociais.

No decorrer da elaboração deste texto percebemos que ainda estamos longe de uma ampla discussão no ambiente escolar a respeito da diversidade, pois contamos com projetos políticos pedagógicos omissos em relação a essa tema, bem como com uma força política que tenta barrar não somente o trabalho pedagógico, mas a liberdade da escola em falar sobre gênero, diversidade e sexualidade.

E com a proposta pedagógica apresentada esperamos que se colocada em pratica possa surgir resultados satisfatórios, pois não podemos pré-julgar ou até mesmo indicar como vai ser a recepção dos alunos com o tema, sendo nunca foi trabalhado inicialmente, porém, a criança tem uma sensibilidade ainda maior e transparente do que adultos e com isso vemos que podemos sim mudar estereótipos já instaurados na sociedade já no ensino fundamental, e que com isso o professor também esteja livre de preconceitos e ideologias errôneas a respeito do tema.

Para (não) concluir, vimos que a discussão em sala de aula e na escola sobre diversidade sexual ou homossexualidade se faz necessária, pois com um dos últimos acontecimentos a respeito da homossexualidade, o retrocesso de vinte anos, que traz a homossexualidade como doença, e tomando tais discursos e bandeiras para a prática, esquecemos da construção humana que faz parte da nossa formação. Espero que surjam bastante discussão no ambiente acadêmico e educacional a respeito do tema, e que promovam acima de tudo respeito ao próximo.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Senado, 1988
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Assistência à Saúde. Programa Nacional de Doenças Sexualmente Transmissíveis/AIDS. **Manual do Multiplicador – Homossexual**. Brasília: Ministério da Saúde, 1996. 61 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 164 p.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997. 144 p.
- CARRASCO, Walcyr. **Meus dois pais**. São Paulo – SP. Editora Ática, 2009
- ESPLENDOR, Elizabeth Vieira dos Santos; BRAGA, Eliane Rose Maio. **Condutas pedagógicas sobre as questões de gênero na escola**. 2009. Anais do SIES - Simpósio Internacional de Educação Sexual da UEM ISSN 2177-1111
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio Século XXI Escolar: o minidicionário da língua portuguesa**. 4ª ed. Rev. Ampliada. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2001. 790 p.
- FRANCO, Neil. **A diversidade entra na escola: histórias de professores e professoras que transitam pelas fronteiras da sexualidade e do gênero**. 2009. 239 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Uberlândia.
- JUNCKES, Rosani Casanova. **A prática docente em sala de aula: Mediação pedagógica**. 2013. Anais ISSN 2175-9162 – V SIMFOP - Simpósio sobre formação de professores
- LIONÇO, Tatiana; DINIZ, Debora (org.). **Homofobia & Educação: um desafio ao silêncio**. Brasília: LetrasLivres : EdUnb, 2009. 196 p.
- LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997
- MARTINHO, Miriam. **VII Encontro Brasileiro de Lésbicas e Homossexuais**. Cajamar, SP. 1993.

MOLINA, Luana Pagano Peres. **A homossexualidade e a histografia e trajetória do movimento homossexual.** Antíteses, v. 4, n. 8, p. 949-962, jul./dez. 2011

SILVEIRA, Rosa Maria Hessel. KAERCHIER, Gládis E. da Silva. **Dois Papais, Duas Mamães: novas famílias na literatura infantil.** 2013. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 38, n. 4, p. 1191-12066 out./dez. 2013.

ZILBERMAN, Regina. **O papel da literatura na escola.** 2008. Via atlântica nº14 dezembro/2001